

COLUNA

Mauro Ventura

MVENTURA@OGLOBO.COM.BR A COLUNA É PUBLICADA AOS DOMINGOS NA EDITORIA RIO



17/12/2017 4:30

Dois cafés e a conta com Vera Lúcia Harouche

Economista fala do Espaço Logos, criado há 20 anos, que atua junto às crianças mais vulneráveis, que vivem em famílias desestruturadas de favelas da Tijuca



Dois cafés e a conta com Vera Lúcia Harouche - Mauro Ventura / O Globo

A economista Vera Lúcia Harouche largou seu emprego estável na área financeira de uma estatal para se dedicar, há 20 anos, a transformar a vida de crianças dos morros da Cruz, Formiga, Borel, Casa Branca e Indiana, na Tijuca. Não crianças quaisquer, mas aquelas mais vulneráveis, que vivem nas famílias mais desestruturadas. O Espaço Logos atende alunos entre 6 e 14 anos, com atividades de segunda a sexta, das 14h às 18h. Há complemento de alfabetização, reforço escolar, oficina de leitura, violão, percussão, cavaquinho, teclado, hip hop, inglês, informática, expressão corporal, capoeira, judô, teatro e cidadania.

O Espaço conta com 24 voluntários e se sustenta com a ajuda financeira de uns poucos amigos e do dinheiro da aposentadoria de Vera. Ela não tem patrocínio.

- Os apoiadores querem números, eu quero qualidade. Fiz a opção de só atender 30 crianças por vez. É um trabalho muito personalizado, que inclui até idas às escolas para saber como estão indo - explica Vera, de 66 anos.

Para quem quiser colaborar há a conta 32669-0, agência 1434-6, do Banco Bradesco. Este ano, Vera instituiu uma contribuição mensal de R\$ 15 por família, ao constatar que quando é de graça não se dá o real valor:

- A atitude da família mudou, as mães passaram a frequentar mais nossas reuniões.

Com o dinheiro, ela organiza passeios dos alunos a teatros, cinemas, centros culturais, museus, bibliotecas. Sábado foi a festa de fim de ano. Os alunos cantaram, tocaram e dançaram. Teve de hip hop a exibição da Companhia Folclórica, formada no projeto. Uma das canções apresentadas foi “Tá escrito”, do grupo Revelação:

- Há dois anos sofremos muitos assaltos e pensei em fechar o Espaço. Até que uma amiga me enviou essa música e, ao ouvi-la, eu disse: ‘Vou dar a volta por cima’.

E deu, para sorte das crianças e de suas famílias.

Como veio a decisão de criar o Espaço?

Um dia, na Tijuca, em 1996, indo trabalhar, um menino de 9 ou 10 anos me abordou com um caco de vidro na mão e pediu minha bolsa. Estava drogado. Falei: “Calma, meu filho, você está nervoso.” Ele quis puxar a bolsa, não deixei e ele me cortou no braço. Seus olhos me marcaram. Se hoje encontrar esses mesmos olhos, vou identificar. Na hora, pensei: “Como uma criança de 9 anos está drogada, assaltando? Por que não está na escola? Onde está sua família?” Isso me transformou. Não foi o assalto em si que me impactou. Foi a situação toda que me fez repensar minha vida. Após fazer um curativo na farmácia, segui para o trabalho, mas os olhos não saíram da minha retina. Poucos meses depois, pedi demissão de um emprego onde ganhava 18 salários por ano. Não tinha ideia do

que fazer nem por onde começar, mas sabia que tinha que mudar aquilo que vi. Liguei para amigos e parentes, mas ninguém quis se envolver: “Você está maluca, vai se envolver com pivete?” Até que fui às escolas municipais do entorno, começaram a me enviar crianças em situação de risco e estruturei o Espaço.

Como é o trabalho de vocês?

Nossa tônica não é a formação acadêmica e sim a formação cidadã. Apresentamos e solidificamos valores sociais, éticos e morais. Tivemos que criar este ano a Oficina do Pensamento, porque as crianças não sabem pensar. Elas hoje recebem informações, mas não conseguem processá-las. Você faz perguntas simples e elas ficam olhando para você. Na Oficina, por meio de brincadeiras e jogos, despertamos o raciocínio, fazemos com que reflitam, comparem, concluam, opinem, desenvolvam a atenção, a compreensão, a expressão, o vocabulário e o pensamento crítico. A criança não fica aqui por um tempo determinado. Ela fica até estar transformada, o que pode durar um, dois, cinco anos. Os voluntários é que têm que dizer, de forma unânime, se aquela problemática que a fez vir para cá está resolvida. Eles dão notas individuais para as crianças levando em conta grau de interesse, de participação e de comportamento. Nesses 20 anos de trabalho, já passaram por aqui mais de mil crianças, e apenas duas foram para o tráfico. Uma delas tinha a família inteira vivendo do crime.

Qual a participação da família?

Todo o trabalho está focado na família. Se os pais não forem parceiros, a criança sai do Espaço. Eles têm que vir de 15 em 15 dias, aos sábados. Trabalhamos temas como limites, regras, educação. Fazemos com que repensem valores, posturas, atitudes. Há temas como “mães boazinhas, filhos folgados, adultos relaxados” e “como ensinar os filhos a lidar com as frustrações da vida”. Aqui não se chama Tenda dos Milagres. Damos as ferramentas, mas quem vai operar o milagre da transformação é a família, que tem que preencher diariamente um formulário sobre o comportamento da criança em casa. E o retorno é grande, segundo as mães: “Agradeço ao Espaço Logos por ter me ensinado a ser mãe”; “Meu filho não foi uma criança fácil e deu muito trabalho pra mim e pra vocês. Hoje é um rapaz alegre, honesto, querido por todos e isso sem dúvida tem uma grande parcela de vocês”; “É um Espaço lindo onde as crianças entram tímidas e saem fortes e confiantes. No projeto, meu filho aprendeu muito: a tocar pandeiro, capoeira e, principalmente, a confiar nele mesmo. Hoje é um adolescente firme e decidido, que sabe exatamente o que quer.”

Qual o perfil dos alunos atendidos?

São crianças com problemas emocionais e familiares como dificuldades de aprendizagem, indisciplina, introspecção, baixa autoestima, violência. Crianças que têm casa, mas que não têm

família, ou seja, que são abandonadas dentro do próprio lar, onde falta responsabilidade, limite, atenção, afeto, carinho. Só pego casos em que, se você não der uma ajuda hoje, lá na frente ele vai estar com uma arma na mão. Se eu não der estrutura para uma criança de 7 anos cujo pai já foi preso e a mãe vive nos bailes e chega bêbada em casa, ele vai seguir o caminho familiar. As crianças que passaram por aqui cresceram, tornaram-se cidadãos de bem e criaram seus filhos de forma muito melhor da que foram criadas. Tanto que não temos filhos de ex-alunos no Espaço Logos. Minhas crianças merecem todas as homenagens. Eu agradeço a Deus por cada uma que chega todo dia aqui. Afinal, ela sai da escola, vai para casa, sobe o morro, toma banho, almoça e vem para cá, quase sempre sozinha. No caminho, encontra amigos que dizem: “Não vai, não, hoje tem jogo.” Mas ela resiste. Em vez de ir jogar ou ficar em casa vendo TV, no celular, no videogame, sem fazer nada, ela passa a tarde aqui, sem folga, faça chuva ou faça sol. Essas crianças lutam contra tanta coisa para chegar até aqui que são meus heróis.